



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

A Morfologia Urbana da Vila de Alter do Chão (Santarém/PA): sua origem, formação atual e a apropriação por turistas e residentes.¹

Francisco Antônio dos Anjos²

Luciana Noronha Pereira³

Roberta Oliveira da Silva⁴

Resumo

A Vila de Alter do Chão (município de Santarém/PA), após a abertura da rodovia PA-457, tem sentido a intensificação da velocidade de seu crescimento e das mudanças em sua morfologia urbana. Este artigo tem como objetivo compreender a morfologia urbana e sua influência para o turismo. A metodologia utilizada foi qualitativa, incluindo levantamento bibliográfico e documental e uma pesquisa dos elementos morfológicos do espaço urbano. Percebem-se duas centralidades em torno das praças e tendência de crescimento e adensamento nas áreas de amenidades, bem como das diferentes formas de apropriação do espaço por residentes e turistas.

Palavras-Chave:

Turismo; Morfologia Urbana; Planejamento Urbano; Alter do Chão (Santarém/PA).

1. Introdução

Desde 1733 existem registros da ocupação lusa no local da atual Vila de Alter do Chão. No ano de 1758, quando a aldeia Borari é elevada à condição de vila pela Coroa Portuguesa, torna-se Vila de Alter do Chão, recebendo o nome da localidade portuguesa em substituição ao seu nome indígena (SANTOS, 1999). Localizada em posição central na região oeste do estado do Pará, nas proximidades de duas grandes unidades de conservação, a Vila de Alter do Chão tem um importante papel no contexto amazônico, enquanto destinação turística na região. Já na década de 70, em decorrência à abertura da rodovia PA-457, a atividade turística na Vila de Alter do Chão tem sua primeira explosão com a construção de casas de veraneio, especialmente nas suas áreas mais valorizadas, com amenidades como a vista para a enseada ou a proximidade das praias. Esse recente movimento sócio-econômico,

¹ Trabalho apresentado GT - Interfaces com a Gestão de Negócios do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Orientador – Pós-Doutor e docente do programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da UNIVALI. Doutor em Gestão Ambiental. Graduado em Geografia. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Planejamento e Gestão do Espaço Turístico – PLAGET.

³ Pesquisadora – Mestranda do programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da UNIVALI. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFPA. Especialista em Design de Móveis pela UEPA.

⁴ Bolsista PIPG – Graduando do curso de Arquitetura e Urbanismo, UNIVALI.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
tem resultado em um crescimento desordenado do plano urbano da Vila, na mudança de seu modo de vida e produção, até então, predominantemente agrícola e extrativista, assim como também, dos padrões construtivos de uso e ocupação do solo e na perda de referências culturais materiais e imateriais.

A morfologia urbana enquanto aspecto mais visível/palpável de uma localidade é, ao mesmo tempo, produto e também produtora de seu desenvolvimento espacial-turístico, onde entende-se como morfologia urbana o estudo das formas urbanas, assim como, de seu conteúdo e seus processos formadores (LAMAS, 2004). Assim, o objetivo geral deste ensaio é compreender de que forma se deu a ocupação humana da Vila de Alter do Chão, através dos elementos componentes de sua morfologia urbana. Foi possível então situar a Vila de Alter do Chão na gênese do município de Santarém e do restante da região; levantando a atual constituição de sua morfologia urbana; analisando seus elementos morfológicos; buscando compreender a apropriação destes elementos de sua morfologia urbana por turistas e residentes; e desta forma, traçando uma possível relação entre a morfologia urbana desta Vila e o crescimento da atividade turística no local.

No que diz respeito à compreensão total do espaço e de seu processo evolutivo, Milton Santos (1992) afirma que o espaço só pode ser estudado em totalidade se considerar seus aspectos formais, animados pela sociedade que lhes confere funções, que por sua vez produzem sistemas inter-relacionados, ou seja, estruturados ao longo de um período através do qual foram construídos tais aspectos formais no passado e que, suas novas relações e usos no presente, produzirão um outro espaço no futuro. A metodologia dialética de Santos (1992) aplicado às quatro categorias de análise espacial – forma, função, estrutura e processo – será utilizada para a compreensão da Vila de Alter do Chão, sua gênese, suas relações com as áreas do entorno, bem como sua organização sócio-econômica e sua reprodução. Lamas (2004) contribui nesta construção metodológica através dos seus elementos morfológicos. Além dessa abordagem teórico-metodológica foi realizada também uma etapa de campo para coleta de dados no local.

2. A Gênese de Alter do Chão (Município de Santarém, Pará, Brasil)

A Vila de Alter do Chão, já era ocupada antes mesmo da chegada dos portugueses, uma vez que havia “agrupamentos de dezenas de milhares de pessoas, divididas em classes sociais e com o domínio das técnicas com o trabalho manual de cerâmicas” (FONSECA, 1996, p. 14), ainda que existam muitas controvérsias a respeito da definição destes povos e



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

seus respectivos territórios, o fato é que mesmo antes da ocupação européia, a produção do espaço já se fazia. Entretanto, o modelo de ocupação característico destas formas de organização social determinava a criação de formas de baixa permanência, dadas as suas características técnicas primitivas, da mesma forma que suas relações econômico-sociais baseadas sociedades comunais, sem propriedade privada ou de terra, organizados em pequenas aldeias e sítios agrícolas, onde a economia se desenvolvia basicamente no sentido de prover a subsistência da comunidade como um todo. A mudança destas relações sócio-espaciais tem o início de sua transformação a partir da ocupação lusa na região amazônica, que tem seu início em 1540 (CÂMARA *et al.*, 2001). A partir da invasão francesa no Maranhão em, inicia-se de fato a ocupação do território amazônico com a fundação de Belém em 1616 e a instalação de um posto avançado onde atualmente está a cidade de Manaus, no ano de 1690 (FAUSTO, 2000). Aí se iniciam as alterações nas relações sócio-econômicas, bem como nas forças de produção, de maneira que a mão de obra indígena passou a caracterizar a principal força produtiva, o modo de produção era predominantemente extrativista e as relações comerciais baseadas quase exclusivamente no escambo de mercadorias. É importante ressaltar, que no mesmo momento em que a Europa já começa a viver as mudanças estruturais, produtivas, econômico-sociais decorrentes da Revolução Industrial, a recém “ocupada” colônia portuguesa ainda vivia relações mercantilistas, pré-capitalistas, com algumas características feudais, especialmente nas áreas onde a colonização não era direcionada à grande produção açucareira para exportação. É neste contexto que surgem as ocupações portuguesas, através da implantação primeiramente das missões. A Vila de Alter do Chão, também abrigou uma missão jesuíta nomeada Missão de Nossa Senhora da Purificação, antes de ser elevada à condição de Vila pelos colonizadores portugueses, o que ocorreu antes mesmo da cessão do referido título à Santarém.

As necessidades de efetivar a ocupação do território, além dos constantes conflitos entre os jesuítas e a coroa portuguesa acabaram por determinar a extinção das missões com a expulsão dos jesuítas e o reconhecimento do indígena como ser humano, livre, durante o governo do Marques de Pombal. Fica evidente que a questão trata de uma disputa de poder e interesses entre as classes dominantes – a aristocracia e o clero. O reconhecimento do índio como “possuidor de alma” tinha como interesse principal assegurar a posse do território fragilmente ocupado e permanentemente ameaçado por corsários franceses, holandeses e espanhóis. Mas o poder dos jesuítas também era econômico no que tange o intermédio de relações comerciais, assim como a implantação de áreas de produção agrícola e pecuária,



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007 ainda que em pequena escala. É então neste período que, a mando do Marquês de Pombal, seu irmão Mendonça Furtado, o então governador da província do Grão-Pará, elevou à condição de Vilas vários assentamentos humanos ao longo dos rios da região Amazônica conferindo a estes, nomes de cidades e localidades portuguesas. Dentre as missões elevadas à categoria de vilas, estão a Vila de Alter do Chão (no dia 6 de março) e a Vila de Santarém (dia 14 de março), assim constituídas no ano de 1758 (FONSECA, 1996). Ainda assim, durante o segundo período da ocupação da região amazônica (de 1540 até 1850), das formas de organização e ocupação do território, restritas a alguns pequenos e esparsos vilarejos e fortificações ao longo das calhas dos rios, poucos permaneceram como cristalizações ou rugosidades (CORREA, 1995; SANTOS, 1992) deste momento histórico para a formação do atual contexto urbano da região (CÂMARA *et al*, 2001).

Com o ciclo da borracha (início em 1851, apogeu em 1892 e declínio após 1913), as alterações induzidas pela nova dinâmica sócio-econômica no espaço se materializam no desenvolvimento de um modelo de urbanização constituído de cidades primaz, onde as cidades de Belém e Manaus adquiriram um importante papel no panorama regional (CÂMARA *et al*, 2001). Essa mudança de ordem estabelece novas aglomerações urbanas, bem como, determina a hierarquia entre elas, segundo o modelo econômico ditado pela borracha, sua extração e comercialização. Esse modelo gerou de fato, uma grande concentração de capitais em Belém primeiramente, e em Manaus em um segundo momento, ocasionando uma urbanização de grandes contrastes nas relações centro-periferia, tanto no que se refere à própria cidade, quanto no que se refere às relações entre cidades (CÂMARA *et al*, 2001). Já na década de 60, as contínuas intervenções do Estado passam a atuar de forma decisiva na ocupação e nos modelos de urbanização mais recentemente implantados na região “o Estado desenvolveu um papel essencial no povoamento e valorização das terras amazônicas seja através dos planos de desenvolvimento ou através de investimentos em infraestrutura” (CÂMARA *et al*, 2001, p.4). Neste período, programas instalaram uma infraestrutura de incentivos a grandes projetos, assim como uma rede rodoviária de maneira a permitir melhores condições de acesso a eles, alterando de maneira notável a forma de ocupação do território amazônico, que até então teve como característica de suas ocupações e crescimentos mais expressivos até então a penetração do território ao longo dos cursos dos rios, passa agora a ter um novo eixo de maior atração sócio-econômico-espacial: as rodovias (CÂMARA *et al*, 2001).



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

Segundo Câmara *et al* (2001), aí surge uma transposição do modelo de ocupação anterior baseada na cidade primaz, para um novo modelo de urbanização regional, onde a hierarquia entre as cidades é minimizada e há o surgimento de novas aglomerações de pequeno e médio porte, especialmente a partir da década de 70, contexto regional no qual está inserida a consolidação da cidade de Santarém, enquanto entreposto urbano, entre as regiões metropolitanas. Estas aglomerações urbanas e cidades, também citados por Machado (2003), “adquirem uma dinâmica que depende pouco ou quase nada de do seu entorno e mais da própria economia urbana e/ ou das interações com outras cidades”, criando núcleos até certo ponto auto-suficientes. Becker (2003, p.653), refere-se às mudanças estruturais ocorridas na Amazônia brasileira após a década de 70, sintetizando-as em um quadro onde pode-se listar a mudança na estrutura de articulação do território, também chamada de conectividade pela autora; a industrialização, ou ainda a alteração na sua estrutura econômica; transformações também presentes na estrutura do povoamento e, assim, de sua urbanização; assim como também na estrutura da sociedade; na malha sócio-ambiental (estrutura da apropriação do território); determinando também uma nova escala.

3. Alter do Chão Enquanto Território Turístico: Transformações Atuais.

No que se refere à Alter do Chão, os primeiros movimentos turísticos estiveram notadamente, a partir na década de 70, marcados por um fluxo local direcionado do centro da cidade de Santarém e outras cidades do entorno, para a Vila, que inicialmente ocorria pelas vias fluviais, teve sua intensificação na construção da estrada PA-457, ligando-a a Santarém por 32 km de percurso terrestre. Tomando como referência que “(...) o desenvolvimento das tecnologias de transporte [entre outros] (...) foram fatores fundamentais para a democratização do turismo” (LUCHIARI, 2001, p.113) a sua construção se tornou o marco mais sensível na alteração da dinâmica urbana da referida localidade, onde a facilidade de acesso valorizou a Vila e todas as áreas e comunidades dispostas ao longo de seu trajeto e possibilitou o seu conhecimento por maior número de pessoas, dadas inclusive a diminuição dos custos e do tempo de transporte até Alter do Chão. Uma vez que “a urbanização turística coloca as cidades no mercado de paisagens naturais e artificiais” (LUCHIARI, 2001, p. 108), esse crescente interesse local pelo consumo das paisagens desta Vila fica evidenciado na venda dos lotes, especialmente os localizados em áreas de amenidades (CORREA, 1995). Isso ocasionou a expulsão dos moradores tradicionais para áreas periféricas e induziu o surgimento de novos



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
agrupamentos humanos ao longo da citada rodovia, com a posterior intensificação do movimento de construção de segundas residências.

Dentro deste contexto, pode-se observar mais detidamente o movimento da população local em direção à periferia da Vila, que também conta com menos infra-estrutura urbana. Aí é induzido o surgimento de novos bairros que mais se assemelham a favelas, ou ainda, o surgimento de outras comunidades, como a comunidade do Caranazal. No que tange a valorização dos lotes, deve-se destacar o fato de que essa valorização não se deu de forma homogênea (LUCHIARI, 2001, p.125), mas sim segundo suas características de acessibilidade, assim como também, às áreas com vista para a “ilha” de Alter do Chão num primeiro momento, em detrimento às vistas para a praia do Cajueiro, e posteriormente a valorização dos lotes com vista aberta para o Tapajós.

4. Análise a Partir dos Elementos Morfológicos do Espaço de Alter do Chão (Santarém/PA)

4.1 Sítio

Pode-se dizer que com relação à Vila de Alter do Chão, o sítio tem sido um dos mais fortes elementos determinantes na forma como vêm se dando o processo de sua ocupação. A predominante presença de massas de água, assinalada através do Rio Tapajós e do Lago Verde, além de outros rios, lagos e igarapés, marcam notadamente o elemento morfológico Solo, segundo a classificação proposta por Lamas (2004), bem como a paisagem e a forma da apropriação do referido espaço. Neste caso, o rio ainda é dotado de significativos apelos turísticos, dada sua crescente valorização por este mercado enquanto amenidade local, além das demais relações estabelecidas com a população local que incluem desde questões de acesso – principalmente antes da implantação e asfaltamento da Rodovia Everaldo Martins (PA- 457) – até questões simbólico-afetivas de uso, costumes, lendas e do imaginário coletivo a seu respeito.

O sítio da Vila de Alter do Chão (formação que inclui o Rio Tapajós, a “Ilha”⁵ e o Lago Verde) também tem sido divulgado e percebido, como o ícone da localidade, dadas as particularidades da paisagem originada por seu conjunto, onde são enfatizados seus aspectos naturais. Tendo sido as primeiras vias de acesso para a interiorização do acesso na região Amazônica, igualmente o Rio Tapajós, através de sua enseada em frente à “Ilha”, constituiu o

⁵ A referida formação é rotineiramente denominada de ILHA, principalmente pelos residentes, apesar de tratar-se de uma formação peninsular.

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
ponto inicial de sua ocupação indígena, assim como permitiu o acesso aos primeiros colonizadores lusos.

Além do Rio Tapajós e do Lago Verde, outros limites do sítio que parecem determinantes ao estágio atual da ocupação da área da Vila, podem ser citados o Lago do Jacundá como obstáculo à Sudoeste da área central da Vila, e o morro com cotas de até 100 metros à Sudeste da mesma área. Ao Norte, Nordeste e Sudeste, o limite físico é o próprio Rio Tapajós e o Lago Verde, e no sentido Sul, o único limite de crescimento é o próprio limite municipal, não havendo, no entanto, nenhuma barreira natural. A esse respeito, parece ser mais forte a tendência de crescimento ao longo da Rodovia (PA- 457), do que propriamente nas áreas interiores da Vila, ou seja, as áreas mais afastadas das margens do Tapajós e do Lago Verde, possivelmente por questões de acessibilidade.

4.2 Malha Viária e Pavimentação

Para Lamas (2004), o elemento morfológico *solo* também inclui, além da topografia e hidrografia presentes no sítio, a sua superfície, ou seja, o seu material de constituição e revestimento. Desta maneira, pode-se afirmar que há uma concentração de vias pavimentadas junto às áreas mais valorizadas da Vila – ao longo da margem do Rio Tapajós, especialmente nas proximidades da “Ilha”. Outras vias pavimentadas estão localizadas em áreas mais interiores da Vila, onde se dá predominantemente a apropriação por residentes, coincidindo com os trajetos das linhas de transporte coletivo existentes, sendo possível que as empresas de transporte tenham definido tal trajeto em decorrência da existência de vias pavimentadas, ou ainda que tenham interferido junto ao Poder Público Municipal, no sentido de sua pavimentação. Também é perceptível que todas as vias pavimentadas até o momento do levantamento de campo desta pesquisa (realizado em dezembro de 2006), estão situadas à Oeste da Rodovia Dr. Everaldo Martins (PA-457).

Dentre os materiais utilizados nessas pavimentações, estão a pavimentação asfáltica, a pavimentação em blocos de concreto pré-fabricados, a pavimentação em cimento e/ou concreto. Com relação às vias não-pavimentadas, foram incluídas as vias que não receberam nenhum tipo de “tratamento” e permanecem com o solo original do local, predominantemente arenoso; ou ainda as vias que receberam camadas de aterro, saibro, piçarra ou pedregulhos.

Quanto às características do sistema viário e da organização e forma das quadras dentro de seu tecido urbano que podem ser relacionados a outros dos elementos morfológicos propostos por Lamas (2004), estão o *traçado* e as *quadras*. No que diz respeito ao sistema



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007
viário local, pode-se afirmar que estas seguem um partido predominantemente ortogonal em toda a Vila.

Apesar de esta ortogonalidade ser aparentemente homogênea em toda a extensão ocupada da Vila, é possível identificar alguns tipos de malhas, sutilmente diferenciados entre si, dentre as quais: (1) malha viária próxima à primeira área de ocupação de Alter do Chão, bastante consolidada e valorizada, composta de quadras mais estreitas e longas, possuindo lotes com frente para duas vias, sendo a malha próxima à primeira área de ocupação de Alter do Chão; (2) malha que inclui a região central da Vila com vias que determinam quarteirões mais quadrados, apresentando alguma consolidação, assim como, algumas vias pavimentadas; (3) algumas manchas existentes nas áreas de expansão ainda pouco consolidadas da Vila, que não possuem nenhum tipo de pavimentação e que - embora tenham traçado aproximadamente ortogonal - possuem quadras mais alongadas, delimitação mais orgânica e vias tipo “rua sem saída”, sendo estas características de configuração repetidas em quatro segmentos urbanos periféricos à ocupação inicial; e (4) malha que determina grandes quadras com acesso bastante restringido pela existência de um obstáculo natural - o Lago do Jacundá, podendo indicar uma tendência futura de surgimento de condomínios fechados no local.

4.3 Cheios e Vazios Construtivos

Com relação aos cheios e vazios construtivos de Alter do Chão, observa-se a existência de uma área de concentração construtiva nas áreas próximas à praça principal e à Igreja Católica local, onde deu-se sua ocupação inicial, conforme frisado anteriormente. Esta área também coincide com parte das áreas mais valorizadas da Vila pela vista da “Ilha” e por estar às margens do rio Tapajós. Da mesma forma, observou-se, dada a crescente valorização imobiliária destas áreas, uma tendência de adensamento nos lotes localizados ao longo das margens do Rio Tapajós próximas à praia do Cajueiro e à praia do Jacundá, assim como, nos lotes localizados ao longo das margens do Lago Verde, principalmente nas áreas mais próximas ao centro da Vila.

Outras áreas que parecem apresentar algum adensamento são as áreas relativas ao trecho final da estrada Dr Everaldo Martins (PA-457), já dentro da Vila de Alter do Chão; e na área de predominância de apropriação por residentes no entorno da Praça do Sairé, sendo que neste caso o que se observa por enquanto é apenas uma possível tendência de adensamento. Estes dados de concentração de construções e cheios e vazios construtivos podem ser relacionados a três outros elementos morfológicos, segundo a classificação de

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007
Lamas (2004), que são: o *edifício*, o *lote* e o *logradouro*. De forma que, com relação aos edifícios, outro dado a considerar seria a altura dos mesmos.

No caso da área de análise deste estudo, há a predominância de construções térreas e com dois pavimentos, sendo que, nas áreas apontadas como mais densas, há também uma maior concentração de construções de dois pavimentos. Nesse aspecto, destaca-se igualmente a existência de algumas construções compostas de três ou quatro pavimentos, todas localizadas em áreas de amenidades e vinculadas à atividade turística, seja por caracterizar infra-estrutura de hospedagem, seja por caracterizar edifícios voltados à utilização como segunda residência de alguns habitantes de Santarém.

Da mesma forma em que, no caso do *logradouro*, enquanto elemento morfológico constituído pela relação entre a área do lote e do edifício, também é possível verificar a mesma tendência de adensamento em áreas de amenidades, ou seja, com vistas para o rio e sua paisagem, assim como, nas áreas próximas ao início de sua ocupação ao redor da praça da igreja, espraiando-se em direção oposta ao rio e também na direção oposta aos mais significativos eixos de transportes no local, na medida em que o elemento Logradouro seria correspondente aos vazios construtivos. Com relação aos *lotes*, pode-se deduzir que os mesmos tendem a seguir as características de adensamento observadas com relação às construções e com a diminuição dos logradouros privados, conforme citado anteriormente, sendo diminuídos também nestas áreas mais densas e seguindo o mesmo princípio de concentração junto às margens do rio, às áreas do início da ocupação e às vias de maior fluxo, diluindo-se no sentido oposto.

4.4 Equipamentos Públicos e Espaços de Lazer

No caso dos equipamentos públicos, nota-se uma concentração dos equipamentos públicos ao longo da via de acesso à praça da igreja matriz. O Posto de Saúde parece ser o único equipamento público que não segue este princípio, apesar do mesmo estar localizado também próximo à praça da igreja e próxima às amenidades, em uma das áreas mais valorizadas da Vila. Esses dados demonstram a importância, a força da referida via dentro do contexto da Vila de Alter do Chão, mais especificamente no que se refere aos maiores usuários destes equipamentos públicos: os residentes.

Já no caso das áreas de lazer, relacionadas ao elemento morfológico *praça* segundo Lamas (2004), pode-se observar a presença de duas praças, uma na área de maior valorização – às margens do Tapajós, em frente à “Ilha” e à Igreja matriz; e a outra localizada mais no

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
interior da Vila. É perceptível também a existência de diferenças nas formas de apropriação destas praças, de maneira que praça da igreja matriz é mais urbanizada, e apesar de ser utilizada pela população local, observa-se a existência de uma intensa apropriação turística desse espaço. Esta praça e a área da orla sofreram intervenções urbanísticas recentes, conforme verificou-se no projeto implantado pelo Governo do Estado do Pará.

Já a Praça do Sairé, tem sua apropriação predominante pela população residente, conforme será discutido a seguir, embora sua apropriação por turistas se dê de maneira intensa durante a Festa do Sairé. Esta praça possui pouca infra-estrutura de utilização, ajardinamento ou qualquer outro tipo de urbanização, restringindo o equipamento existente às duas traves que configuram um campo de futebol, além de algum mobiliário sem a devida manutenção, entre os quais bancos, telefones públicos, lixeiras e as árvores.

Para Lamas (2004), o elemento morfológico *praça* constitui o símbolo maior das ocupações humanas como lugar do encontro e das relações sociais, do lazer, entre outros. Entretanto, a existência da praia e do cais na orla acaba conformando outras áreas também utilizadas com as mesmas finalidades, embora não possuindo a mesma definição. É importante destacar também que, graças ao bucolismo local, as ruas ainda são vistas como lugares de encontro e lazer nas quais as conversas entre vizinhos e as brincadeiras das crianças ainda vivificam a rua como espaço público. Assim, também foram identificados como locais para a prática de lazer o importante papel de toda a área do cais da orla e da praia enquanto marcantes áreas de lazer para a população local e para o turista, mais uma vez reforçando o importante papel do rio e das condições naturais na localidade. Dentre as surpresas verificadas estão o apontamento da diminuição da utilização do rio pelos residentes enquanto fonte de lazer – na medida em que torna-se fonte de renda associada à prestação de serviços aos turistas – e a inclusão e reconhecimento pela comunidade da escola como fonte de atividades de lazer dos jovens e crianças matriculados.

4.5 Projeto da Nova Orla e Praça de Alter do Chão.

Ainda com relação aos espaços de lazer, o projeto de reformulação da orla e da Praça de Alter do Chão, que teve a conclusão de sua obra no final de 2006, acaba por reforçar a valorização já existente da área em questão, que coincide com a área central da Vila, bem como, com a presença de amenidades como a vista da “Ilha”, a proximidade do rio, entre outros. Na implantação deste projeto foi alterado todo o mobiliário urbano (bancos, lixeiras, quiosques, coreto), da mesma forma que foram retirados elementos da praça tais como a



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
vegetação de pequeno porte ali existente, cultivada pela comunidade através de suas associações, e o painel de avisos comunitários, confeccionado em madeira entalhada com motivos indígenas e naturais (flora e fauna).

A mudança do mobiliário aliada ainda à inclusão de grandes volumes de concreto, de elementos em ferro e policarbonato, gerou polêmica entre turistas e moradores, dadas questões de pertinência com a localidade, questões simbólicas relacionadas ao destino turístico na Amazônia e, também, questões de adequação ao clima local. Essa obra também determinou a pavimentação da via ao longo da margem do Rio Tapajós, com a criação de áreas para estacionamento na mesma, sendo este situado em posição privilegiada (de frente para a vista), reforçando a utilização de veículos automotores nesta área.

4.6 Mobiliário Urbano

O *mobiliário urbano*, embora muitas vezes visto como elemento de menor importância no contexto urbano dada a sua relativa mobilidade e possibilidade de cambio, tem força expressiva na conformação da paisagem urbana (LAMAS, 2004). No caso da Vila de Alter do Chão, o mobiliário está distribuído de uma forma bastante heterogênea onde pode-se observar sua concentração nas praças e na orla, especialmente no trecho da intervenção citada anteriormente. Neste caso também é possível perceber que o mobiliário existente em outras áreas da Vila se restringe aos telefones públicos que estão mais bem distribuídos pela Vila, normalmente em frente à estabelecimentos comerciais ou equipamentos públicos. As lixeiras disponíveis em outros locais (que não as praças), em geral são instaladas por estabelecimentos privados, inclusive na Praia da “Ilha” e na Praia do Cajueiro, onde estes lixeiros são de responsabilidade dos barraqueiros. Pode-se afirmar que o *mobiliário urbano* está mais densamente instalado nas áreas mais valorizadas da Vila, coincidindo com a área de maior concentração de edificações.

O mobiliário existente nas duas praças é de tipologia diferenciada, não seguindo um padrão, de forma que na Praça do Sairé é mais antigo, carente de manutenção e substituição de peças destruídas tanto por vandalismo quanto pela ação do próprio tempo. Seus bancos são em peças de madeira robustas pintadas em um tom terracota, as lixeiras são metálicas em forma de paralelepípedo e os telefones públicos tradicionais nas cores da empresa de telefonia que possui a concessão local. Já no caso da praça da igreja matriz, o mobiliário existente encontrava-se em boas condições mesmo antes da reforma realizada. Possuía bancos com assentos em madeira com estrutura em ferro, lixeiras utilizando os mesmos materiais e o



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007
coreto em ferro num estilo mais bucólico em ferro fundido; este mobiliário foi substituído por bancos em ferro e concreto, lixeiras em plástico e ferro e coreto em ferro, concreto e policarbonato. Esta brusca mudança no mobiliário, juntamente com a perda de outras características locais, gerou forte polemica entre turistas e residentes. Os telefones públicos distribuídos no local são do tipo tradicional, mas também observa-se a presença de modelos diferenciados, com formas de animais da região, como a arara azul, por exemplo.

Outra questão importante no que tange o *mobiliário urbano* é a presença abundante e desordenada de placas e outdoors, especialmente nas vias de acesso, de maior fluxo de veículos e do trajeto do transporte público, contribuindo para a degradação e poluição da paisagem visual.

4.7 Apropriação Predominante do Espaço por Turistas

Finalmente, com base nos equipamentos instalados e nas demais informações coletadas em campo entre residentes e turistas, foram analisadas as áreas com predominância de apropriação espacial por esses dois grandes grupos estudados por esta pesquisa. Neste caso, o que determina a prevalência de apropriações é muito mais uma relação de interesse e de atratividade que tais áreas exercem sobre a população residente ou sobre os turistas.

Foi identificada a existência de duas predominâncias na apropriação de algumas das áreas da Vila (duas centralidades identificadas) por turistas ou residentes. Os turistas parecem se apropriar principalmente das áreas com amenidades, próximas às margens do rio Tapajós e do Lago Verde e à praça da igreja matriz local do centro da ocupação de toda a Vila, correspondente à área de maior concentração de edificações na Vila. É perceptível que nesta área está instalada a maior parte dos equipamentos turísticos locais, tais como, pousadas, hotéis, restaurantes, bares, agências de receptivo, lojas de artesanato, entre outros. Observa-se que a instalação do Centro de Atendimento ao Turista na margem do Rio Tapajós, na praia do Jacundá; a reforma da orla e da praça da igreja matriz e da Praça do CAT; assim como a implantação do Belalter Hotel na margem do Lago Verde, podem gerar duas novas tendências de expansão das atividades e negócios turísticos, bem como da sua apropriação pelos mesmos, assim como também, favorecer o adensamento das áreas existentes ao longo destes dois pontos.

Entretanto, é possível afirmar que mesmo esta área com predominância de apropriação e utilização turística, é permeável aos residentes uma vez que alguns deles ainda mantém suas residências nesta área, assim como também da existência de equipamentos e prestadores de



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

serviços públicos instalados nesta área como, por exemplo, o posto de saúde, a igreja matriz e o salão comunitário. Nesta área, também estão situadas a maioria das segundas residências de habitantes de Santarém. Essas construções, em geral, têm tipologia urbana utilizando materiais como a alvenaria, o vidro, o ferro e as telhas de fibro-cimento ou ainda cerâmicas. Surgem muros e gradis altos com o argumento da segurança e proteção do patrimônio, mas que para Ferrara (1999), também deve estar relacionados ao estabelecimento, à confirmação e à ostentação das relações de propriedade. Algumas dessas residências também acabam por interferir diretamente na privatização irregular de áreas públicas, quando adquiridas por moradores de Santarém e outras cidades da região, em locais onde a inclusão dos muros e gradis determinam a restrição de acesso à praia e à partes de algumas vias, em alguns casos.

Já dentre as construções turísticas, demonstram maior preocupação com a paisagem local, assim como com questões de pertinência no uso de materiais e sua adequação às condições climáticas locais e com questões simbólicas relacionadas à origem indígena da referida ocupação. Estas construções utilizam abundantemente a madeira, a palha e o barro, em tipologias mais abertas e rústicas, seguindo uma tendência de aprimoramento nas construções tradicionais, procurando, no entanto, manter seus principais valores paisagísticos. Contraditoriamente, as construções tradicionais de propriedade dos residentes, que conseguiram manter suas características originais conciliando-as com certo grau de melhoria, estão predominantemente situadas nesta área, embora essas características não sejam homogêneas.

4.8 Apropriação Predominante do Espaço por Residentes

A área de apropriação predominante por residentes ocupa predominantemente o entorno da Praça do Sairé; a rua que liga a Praça do Sairé à Praia do Cajueiro, passando pelo colégio; a rua que liga a praça da igreja matriz ao interior da Vila, onde concentram-se diversos equipamentos públicos da Vila, comércio de gêneros de uso domésticos; entre outros. A vida social, o local de encontro para os residentes é principalmente a Praça do Sairé – embora também possa acontecer na Praça da igreja matriz, onde costumam acontecer os campeonatos de futebol da comunidade, onde alguns caminham e fazem exercícios físicos. Na margem oposta das vias que circundam a referida praça, observa-se presença de um comércio mais local caracterizado por bares e restaurantes mais populares, mercadinhos, entre outros, normalmente atendendo de forma diversificada às necessidades de consumo da população



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
local. Este comércio instalado no local, também parece ter forte relação com o percurso das linhas de transporte público.

Essas áreas parecem não despertar significativamente o interesse dos turistas, podendo-se dizer que são áreas de menor atratividade, inclusive dadas características construtivas, de limpeza, manutenção, além do distanciamento das amenidades. No entanto, ainda assim estes locais não podem ser considerados impermeáveis aos turistas haja vista que não há nenhum risco associado à circulação nestas áreas, assim como também, da ocorrência deste fluxo de turistas pelo menos em um período do ano: durante a Festa do Sairé que é realizada na praça de mesmo nome.

No caso das construções existentes na área de apropriação predominante por residentes da Vila de Alter do Chão, observa-se a falta de manutenção nas vias, os sinais de desgaste e erosão de algumas das suaves ondulações no relevo do terreno devido ao seu desmatamento e utilização indevida. Percebe-se também o acúmulo de lixo e entulho às margens das vias, assim como a existência de casas mais simples, algumas ainda mantendo as características tradicionais e o uso de materiais locais, e outras com alteração de tipologia e materiais, numa tentativa de construir semelhantemente às casas de segunda residência, na maioria das vezes não conseguindo alcançar um mínimo de conforto, dada a precariedade ou inexistência dos acabamentos, das dimensões e das instalações, tomando ares de favela.

Entretanto, apesar da crescente utilização de muros e gradis e do aumento de sua altura, muitas dessas construções mantêm forte relação com os lotes vizinhos, nestes casos não havendo separação entre os mesmos. Essa dinâmica no interior das quadras, ao mesmo tempo em que dificulta a percepção das relações de propriedade e dos limites das unidades, por outro lado favorece a integração social, através de áreas mais abertas e de áreas ao ar livre, utilizadas por quase toda a população local. É usual entre os residentes manter malocas abertas (construção sem paredes), com estrutura em madeira e cobertas de palha, onde são desenvolvidas diversas atividades domésticas e que também serve como refúgio do calor por manter um clima mais brando. Muitas vezes essas malocas concentram os moradores inclusive durante a noite, em redes, de forma que a casa principal fica com sua utilização muitas vezes restrita à guarda dos objetos e bens da família.

No caso das construções dos residentes que seguem os mesmos padrões dos visitantes e que conseguem finalizar a obra, percebe-se uma tendência à utilização de dois pavimentos em tipologias áridas, do ponto de vista de sua humanização, com poucas aberturas, com

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
vedação em madeira, poucas varandas e beirais, resultando em edificações pouco harmoniosas e de estética questionável, além de questões de deficiência de conforto térmico e lumínico.

Considerações Finais

A atividade turística na Vila de Alter do Chão, tem tornado-se a principal fonte de trabalho e renda para sua comunidade e, junto à cidade de Santarém, constitui pólo de comércio e serviços na Meso-região do Baixo Amazonas. Esta atividade é potencializada pelas belezas naturais, pela cultura da população local e pela possibilidade de desfrutar de uma natureza ainda pouco explorada pelo homem. Essa diversidade de recursos, combinada com a simplicidade do contexto no qual estão inseridas, tem feito surgir um crescente interesse no desenvolvimento e consolidação do turismo como alternativa direcionada à sustentabilidade local – nas esferas econômica, sócio-cultural e ambiental.

Ante ao exposto neste estudo, pode-se afirmar que a Vila de Alter do Chão, possui um sistema urbano e turístico ainda em desenvolvimento, com necessidade da concretização breve de uma estrutura razoável, permitindo o conforto e o bem-estar esperado pelos turistas. Este desenvolvimento, da forma como vem ocorrendo, não agrada a todos os setores da sociedade da Vila e mesmo de seus visitantes, tendo em vista que as intervenções atuais estão tem se detido na promoção de maiores retornos financeiros, em detrimento da preservação da história e cultura, marco da população local.

Isto posto, pode-se observar dificuldades de implementar reformas voltadas ao atendimento das necessidades turísticas, enquanto que a infra-estrutura da população residente, permanece com déficit de saneamento, atendimento à saúde e também de planejamento urbano, fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade estruturada e apta a potencializar a atividade turística e seus benefícios, tais como a geração de trabalho e renda.

Dessa forma, foi possível perceber a evolução de um cenário no qual estão sendo esquecidas as raízes da comunidade tradicional, para atender a necessidades de cunho econômico, ainda que grande parcela da atividade local desejada pelo turista seja relacionada a estas características sócio-culturais da Vila. O panorama atual no qual a Vila de Alter do Chão está inserida suscita a necessidade de planejamento e do estabelecimento de estratégias, aliados a processos de gestão, no sentido de seu desenvolvimento sustentável, evitando a perda dos valores naturais e sócio-culturais os quais originaram o potencial turístico, assim como, contribuindo para o crescimento da economia local.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

Por fim, é importante a percepção e conscientização de que os atrativos mais significativos que a região amazônica possui, estão diretamente relacionados à simplicidade e à rusticidade do modo de vida dos “povos da floresta”, uma vez que os recursos que ali permanecem, cria condições para que possam ser encontradas características naturais, históricas e culturais ainda preservadas.

Referências

BECKER, Bertha K. **Amazônia: mudanças estruturais e urbanização**. In: BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos Filgueira; GONÇALVES, Maria Flora (Orgs). *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Editora Unesp/ Anpur, 2003. p 651-656.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. Série Princípios. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1995.

CÂMARA, Gilberto; KAMPEL, Silvana Amaral; MONTEIRO, Antônio Miguel Vieira. **Análise espacial do processo de urbanização da Amazônia**. [Relatório técnico]. [s.l.]: INPE/ CT Brasil, dez/2001. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/geopro/modelagem/relatorio_urbanizacao_amazonia.pdf>. Acessado em: 28 de outubro de 2005.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Olhar periférico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. (a)

FONSECA, Wilde Dias da. **Santarém: momentos históricos**. Santarém, PA: Gráfica e Editora Tiagão, 1996.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2ª edição. [Lisboa]: Fundação Calouste Gulbekian, 2000. cap I e II. p. 17-129.

LUCHIARI, Maria Tereza D.P. **Urbanização turística: um novo nexo entre o lugar e o mundo**. In: BRUHNS, Heloísa Turini; LUCHIARI, Maria Teresa D.P.; SERRANO, Célia (Orgs). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas, SP: Papirus, 2000. p 105-130.

MACHADO, Lia Osório. **Região, cidades e redes ilegais: geografias alternativas na Amazônia Sul-americana**. In: BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antônio Carlos Filgueira; GONÇALVES, Maria Flora (Orgs). *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Editora Unesp/ Anpur, 2003. p 695-707.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 3ª edição. São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. **Tupaiulândia**. 3ª. Edição. Santarém-PA: Gráfica e editora Tiagão, 1999.